

RUA LINO GUEDES

Lei nº 1211 de 06-10-1954

Formada pela rua 7 do Jardim Paulistano e rua 5 do Jardim Proença - continuação

Início na rua Afonso Pena

Término na avenida Princesa D'Oeste

Jardim Paulistano

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal Dr. Antonio Mendonça de Barros.

LINO GUEDES

Lino Pinto Guedes, que usou o pseudônimo de Laly, nasceu em Socorro, SP, a 24-06-1897 e faleceu em São Paulo, a 03-03-1951. Era filho de escravos: José Pinto Guedes e Benedita Eugênia Guedes. Negro, Lino Guedes, melhor do que ninguém, sentiu e soube exprimir, poeticamente, os sentimentos de sua raça, cujos sofrimentos, decepções e mágoas foram por êle igual e profundamente sofridos. Estudou as primeiras letras em sua cidade natal e o curso normal na Escola Normal "Carlos Gomes", de Campinas, onde se diplomou professor. Sua vida foi dedicada ao jornalismo e às letras, colaborando em revistas e jornais de todo o país. Participou de todas as agremiações de côr de Campinas, onde era considerado e estimado. Frequentou o "Club Culto à Ciência" ao lado de Benedito Florêncio, seu amigo inseparável, Benedito Otávio, Bento de Assis, o bispo D. Nery e outros. Fundou, em companhia de Gervásio de Moraes e irmãos Andrada o jornal "O Getulino", mensário de projeção no meio social e literário negro de Campinas e São Paulo, de vida efêmera, que extinguiu-se em 1924. Em Campinas, Lino Guedes militou no "Diário do Povo" e em São Paulo chefiou a revisão do "Jornal do Comércio" e do "Diário de São Paulo" e "Diário da Noite", além de exercer cargo no Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda - DEIP. Deixou vasta bagagem literária em prosa, verso e alguns trabalhos inéditos. Foi o idealizador das comemorações do "Dia da Mãe Negra" em São Paulo, e colaborou decididamente para a construção da herma de Luiz Gama, na capital paulista. Foi colaborador do jornal "Clarim d'Alvore da" e fundador e redator-chefe de "O Progresso". Publicou: "O Canto do Cane Negro", "Urucungo", "Negro Preto Côr da Noite", "O Pequeno Bandeirante", "Mestre Domingos", "Cabelo Pixaim", "Porção", "Vigília de Pae João", "Ditinha" e outros. Sua mensagem poética foi estudada por Roger Bastide e, João Ribeiro afirmou: "Se é um poeta negro como diz, o seu livro é um documentário etnográfico de grande importancia a colocar junto aos de Cruz e Souza e Guilherme Luiz, poetas da mesma raça e seriam todos eles um tema sugestivo de crítica."



**LEI N.º 1211, DE 6 DE OUTUBRO DE 1954**

**DÁ O NOME DE "LINO GUEDES" A UMA RUA DA CIDADE**

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Ficam denominadas "Rua Lino Guedes" as vias públicas n.ºs 7 do Jardim Paulistano e 5 do Jardim Proença-Continuação, e tendo início junto à cerca da Cia. Paulista de E. de Ferro e termina na Avenida Perimetral.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 6 de outubro de 1954.

**A. Mendonça de Barros**  
Prefeito Municipal

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 6 de outubro de 1954.

O Diretor,  
**Admar Maia**

## RUA LINO GUEDES

Lino Pinto Guedes - Nasceu a 27 de junho de 1896, na cidade de Socorro, Estado de São Paulo.

Vivendo em Campinas, durante sua mocidade, começou sua vida de jornalista no "Diário do Povo". Daqui se dirigiu para São Paulo, onde se empregou em um matutino e ali continuou a exercer a profissão de que tanto gostava.

Como poeta, Lino Pinto Guedes foi o trovador da raça negra. Seus versos curtos, narram quase sempre, os sofrimentos e os lamentos da gente agrilhoada.

É grande a produção de Lino Pinto Guedes, tendo publicado: "Sorrisos do Cativo"; "Negro Preto da Côr da Noite", "Ressurreição Negra"; "Sunscrito"; "Urucungo", etc.

Lino Pinto Guedes faleceu em São Paulo, no dia 3 de março de 1951.

Após a morte desse festejado cantor, que tanto exaltou a sua raça sofredora, quando de nossa paddagem pela Edilidade local, prestamo-lhe uma homenagem, propondo fosse dado o seu nome a uma das ruas desta cidade, o que veio a concretizar-se, a fim de que as gerações futuras guardem uma lembrança do vate negro, autor de tão expressivos versos, chorando o martírio ingente de seus irmãos de sangue e de côr.

(Extraído de fls. 77 a 79 de "Antologia da Poesia Campineira", de autoria de Elmo Goulart, editada em Campinas, em 1971).

RUA LINO GUEDES



## NO GIRO DO TEMPO

O DIA A DIA DA CIDADE DE HA TRINTA ANOS  
NO NOTICIÁRIO DO "CORREIO POPULAR"

No dia 7 de março de 1951, entre outras notícias locais, publicou o "Correio" as seguintes:

### FALECEU, EM S. PAULO, O POETA NEGRO LINO GUEDES

Domingo último foi sepultado em São Paulo o poeta negro Lino Guedes, em cujo túmulo proferiu a oração de despedida o poeta Judas Esgorogata. Lino Guedes, que por longos anos residiu em Campinas, tendo frequentado por algum tempo o Ginásio "Culto à Ciência", êle juntamente com Benedito Florêncio, seu amigo inseparável e companheiro de lutas em defesa dos irmãos de côr e também de vida boêmia, militou durante anos na imprensa local e chegou mesmo a fundar um jornal semanário — "O Getulino" — de vida efêmera, que extinguiu-se em 1924. Escrevendo os seus versos inspirado unicamente em motivos, negros e para serem lidos pelos seus irmãos de côr, Lino Guedes, que mereceu elogios do próprio João Ribeiro, na opinião de Antonio Constantino ocupou na poesia brasileira o lugar que Cruz e Souza não soube reservar para si. Desaparecendo relativamente moço, em São Paulo, em começos do corrente mês de março, Lino Guedes, que era revisor do "Jornal do Comércio", conseguiu enfeixar os seus versos em alguns livrinhos, dentre os quais se destaca "O Cisne Negro", em cujas páginas escreveu: — "Não sei si os poetas negros entram no céu. Sei, isto sim, que diante da eternidade somos todos focos de luz a rebrilhar entre as esferas. Senhor Deus! Eu quero continuar pretinho, pretinho como fui e como fiquei em meus versos e na lembrança de minha gente!".

Correio Popular - 07-03-1951



# Lino Guedes - o cisne negro

Em boa hora, a Comissão de Festejos do "Ano Centenário Cruz e Souza", programou a "Noite Lino Guedes", com a palestra do prof. Jaime de Aguiar, a reviver a figura do autor de "O Canto do Cisne Negro". Judas Isgorogota que foi seu companheiro de trabalho na revista do "Jornal do Comercio", em 1927, e que lhe prefaciou o primeiro livro, ao traçar o perfil do poeta negro e de sua poesia, em que pôs, em toda a sua pureza a alma de sua gente, enaltece-lhe o merito de estar despido de recalcões ao poetar sobre as alegrias e tristezas de sua raça.

"Nenhum poeta negro das Americas jamais se igualará a Lino Guedes, neste aspecto de sua arte e de seu pensamento, calmo, simples, puro, cristão. Aqui não há revoltas, nem anseios impossíveis; há compreensão humana dos dramas humanos, sentida e propagada através de uma poesia que fala diretamente a aqueles que vão encontrar nela o balsamo salvador da simplicidade, da bondade e da afeição — o Triptico sobre que se elevou em Aço o coração, o coração da Mãe Preta."

Lino Guedes, que nasceu o pseudônimo de Didi, nasceu na cidade de Sorocaba, neste Estado, a 24 de junho de 1897.

Descendia de escravos. José Pinto Guedes e d. Benedita Eugenia Guedes. Aprendeu as primeiras letras em sua cidade natal e o curso normal em Campinas, onde se diplomou como professor pela Escola Normal Campinetrã.

Dedicou toda a sua existencia ao jornalismo e as letras, colaborando em revistas e jornais do país. Participou de todas as agremiações de cor de Campinas, onde era considerado e estimado. Frequentou o "Clube Culto à Ciencia" ao lado de Florencio, Benedito Otavio, Bento de Assis, Dario Ribeiro, D. Nery (bispo diocesano) e outros. Juntamente com Gervasio de Moraes e irmãos Andrada fundaram o jornal "Getulino", mensario de projeção no meio social e li-

terario negro de Campinas e S. Paulo. Na capital chefiou a revista do "Jornal do Comercio" e "Diarios Assolados", e exerceu cargo no DEIF.

Faleceu nesta capital, a 3 de março de 1951, deixando extensa bagagem literaria em prosa e verso, e muitos trabalhos inéditos. Ao lado de José Correa Leite idealizou e tornou realidade a comemoração do "Dia da Mãe Negra". Foi colaborador assiduo do jornal "Clarim d'Alvorada", fundador e redator-chefe de "O Progresso" e um dos colaboradores em prol da construção da herma de Luiz Gamá.

A poesia de Lino Guedes se caracteriza pela simplicidade de sua musica de poetas, precioso relicario de sentimentos, de seus versos emanam ansias, gemidos, acalantos, loas, melancolias, cantos e preces. Ingenuidade e modestia brotam de sua pena e falam de sua raça, que o poeta urticamente representava na figura de Didiinha.

Didiinha, escute uma historia Muito nossa: antigamente Não faz muito tempo ainda, Foi escrava a negra gente, Os mais pesados castigos Lhe deram impunemente.

Mas um dia a realza De nossa sorte condoida, Cujos crimes consistia Em ter pele enegrecida, A liberdade nos deu; Belo gesto, não, querida?

O que depois ocorrera, E de ontem, por que falar? Mas, eu ainda, Didiinha, Preciso me libertar Do penoso cativoiro, Em que me tras seu olhar."

Desde o seu primeiro livro — "O Canto do cisne negro", "Urucungô", "Negro preto cor de noite", "O pequeno bandeirante", "Mestre Domingos", "Sorrisos do cativoiro", "Vigília do Pae João", "Didinha", "Patua dos negros velhos", "Cabelo Pixaim", "Entre pra

roda-baba", "Porco" e outras, a bibliografia de Lino Guedes constitui uma galeria dos costumes, usos, habitos, tradições, superstições, sentimentos, angustias, ansios, da raça negra, que ali está a merecer um atencioso exame de sua mensagem poetica e de sua função social, o que foi feito apenas por Roger Bastide que estudou a singularidade e a importância de sua poesia, e João Ribeiro, que afirmou:

"Se é um poeta negro como diz, o seu livro é um documentario sinografico de grande importancia a colocar junto aos de Cruz e Souza e Guimarães, Luiz, poetas da mesma raça e seriam todos eles um tema sugestivo de critica. You guardar "O Canto do Cisne Negro" com o carinho que ele merece, tanto a verdade que encerra versos de grande liberdade e de humor alegre."

Feliz a iniciativa de reviver a figura do poeta Lino Guedes, assim collocando-o na galeria em que fulguram Cruz e Souza, Augusto Souza, Perillo

d'Oliveira, Eubides de Oliveira, Castiliano de Souza, João Deus do Rego e de tantos outros poetas negros, que enalteceram, dignificaram, honraram a cultura afro-brasileira.

Lino Guedes sentiu e soube exprimir como nenhum outro poeta, os sentimentos de sua raça, cujos sofrimentos, decepções e magoas eram por ele igual e profundamente sofridas.

"Você é muito criança e ninguém, na longa estrada Sabe onde fica a Esperança! Meu amor, volte daqui! Da penosa caminhada só eu sei quanto soufri."

Só almejamos a volta de Lino Guedes na reformulação de um estudo de uma análise de sua vida e sua gloria, para que seus versos não continuem relegados a impiedoso olvido.

HENRIQUE L. ALVES